

Freire vai a psicanalistas, sem divã

Rio — A social-democracia foi apontada ontem pelo candidato do PCB à Presidência da República, Roberto Freire (PE), como caminho para a implantação do socialismo no Brasil, durante entrevista a correspondentes estrangeiros. Mas, sucesso ele fez à noite, em encontro com 150 psicanalistas, quando conseguiu roubar votos do adversário petista Luiz Inácio Lula da Silva, embora manifestando sua desconfiança na plateia, ao afirmar que “lá no Nordeste não tem muito disso” e, por esta razão, nunca fez nem fará psicanálise. Antes, já alertara que não estava lá para interpretar sonhos, mas para mostrar que o sonho dos comunistas pode se tornar realidade.

Ainda com os psicanalistas, na casa de um deles, Ney Marinho, na Gávea, Roberto Freire usou do jargão próprio daqueles profissionais para ironizar outro concorrente na disputa presidencial: afirmou que é o voto do inconsciente coletivo que coloca Fernando Collor de Mello (PRN) em primeiro lugar nas pesquisas. Agradou mais com a linguagem de sua plateia, falando na perversão do capitalismo e do mercado financeiro e no sonho como desejo de realidade.

Muito à vontade para se expor a uma plateia habituada, por força da profissão, a interpretar cada gesto e palavra das pessoas, Freire respondeu, durante quatro horas de conversa regada a chope, às perguntas sobre suas propostas para solucionar os princi-

AG.



Freire, que rejeita a psicanálise, enfrentou 150 psicanalistas

pais problemas do País, como dívida externa, déficit público e inflação.

“Depois de Lula, Freire é o primeiro candidato carismático que a esquerda apresenta com uma proposta democrática, aberta, bem preparado e, o que é mais importante, uma liderança nova. É o Gorbachev brasileiro”, comentou eufórico o psicanalista Carlos Castellar que, como seu colega Luiz Fernando Galego, se impressionou a ponto de desembarcar da candidatura petista.

MODELO PRÓPRIO

Aos correspondentes estrangeiros, Freire ressaltou que a práti-

ca socialista soviética não pode ser o único modelo e que para elaborar seu programa de governo observou as conquistas da classe operária europeia através da social-democracia. A conclusão, acrescentou, foi de que cada sociedade deve achar sua fórmula de transição ao socialismo. Se eleito, garantiu, tentará manter a privatização, com o Estado contido na posição de árbitro.

“Vou evitar o monopólio, dinamizar a captação da poupança, regionalizar os bancos, colocando-os como intermediários de financiamentos para produção. Se isto não for possível, não temo afirmar que a estatização será o caminho”, confessou.